
Nas trilhas das Medusas do rock n' roll¹

Flávia Guterman Soares²

Micael Herschmann³

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

Este trabalho analisa sob o prisma do debate de gênero, as dinâmicas de poder e dominação patriarcal presentes na cena do rock (universo musical de modo geral apropriado pela supremacia masculina). Este trabalho articula os estudos de Berth (2023) e de Gomes e Fernandes (2021) com a metodologia da cartografia das controvérsias (Latour, 2012), propondo o rastreamento de símbolos, sentidos, discursos, imagens, práticas e ações que mantêm o sexismo em pauta, e a consequente marginalização feminina. Busca-se repensar neste trabalho não só o domínio do imaginário masculino no rock, mas também a presença de alguns focos de (re)existência (Fernandes, et al., 2022) protagonizados por mulheres roqueiras que tem inspirado as novas gerações em iniciativas criativas dissensuais (Rancière, 1996).

Palavras-chave: rock; feminismo; música; cultura; patriarcado.

Introdução

Este trabalho propõe uma reeleitura de alguns conceitos apresentados por Joice Berth, em seu livro “Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades” e por Patrícia Gomes e Cíntia Sanmartin Fernandes no texto “Marginalidade e potência dos femininos: a força do imaginário em Medusa”, a partir do rock n' roll sob o prisma de gênero como objeto de análise. As duas obras trazem teorias, conceitos e perspectivas úteis para cartografar as controvérsias - método de Bruno Latour (2012) – relacionadas às disputas de poder, às dinâmicas de dominação e às opressões explícitas e simbólicas trabalhadas pelos estudos feministas; por isso, a escolha dos textos e da metodologia para a realização deste artigo, guiado pela intersecção entre comunicação, música e gênero.

Baseando-se na Teoria Ator-Rede (ANT), a ferramenta da cartografia das controvérsias nos permite seguir os rastros deixados pelos atores envolvidos nas disputas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); pesquisadora associada do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM) da UFRJ. E-mail: flaguterman@yahoo.com.br

³ Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); coordenador do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (NEPCOM) da UFRJ. E-mail: micael.herschmann@eco.ufrj.br

de gênero que marcam a cena roqueira. Apoiando-se nos conceitos e contribuições teóricas de Berth, Gomes e Fernandes, os rastros são seguidos para mapear as articulações e os desdobramentos do sexismo em práticas concretas e simbólicas no mundo do rock. Para isso, são realizados paralelos entre os textos das autoras com sentidos, comportamentos, ações, discursos, imagens, símbolos, atitudes e cenários que revelam a dominação construída em cima de um imaginário masculino no rock, mas também os focos de (re)existência (Fernandes, et al., 2022) feminina no campo roqueiro. Trata-se, portanto, de uma investigação que busca reagregar o social, rastreando as redes sociotécnicas impulsionadas pelas controvérsias (Latour, 2012), por sua vez, relativas à marginalização das mulheres do rock.

A apropriação patriarcal de um estilo musical

O rock n' roll é um gênero musical que, apesar da sua criação estar atribuída à uma mulher⁴, foi apropriado pelos homens, se tornando um estilo musical predominantemente masculino. O cenário roqueiro é calcado na dinâmica de dominação e subordinação atinente às relações de gênero. Os atores envolvidos associam-se em favor da construção e manutenção de um imaginário social - conceito trabalhado por Gomes e Fernandes (2021) - de que o rock está atrelado a características consideradas masculinas como a força, a virilidade, a agressividade e violência. Segundo Berth (2023), a masculinidade liderada pela força física é hierarquizante; este ideal de força e violência é a base do patriarcado que “norteia nossas vidas em todos os âmbitos” (p. 120), incluindo na cena musical roqueira.

Partindo do argumento de Berth, proponho criar um paralelo entre o rock n' roll e as cidades – estas últimas, o objeto de estudo da autora no texto selecionado. Como ela afirma que o patriarcado está enraizado em todos os aspectos da camada social, pode-se pressupor que, assim como as cidades são construções “falocêntricas”, o rock n' roll também é. O falocentrismo é um conceito originário de Freud que Berth ressignifica para explicitar a dominação e a opressão masculina. As cidades são constituídas para servirem aos homens e a sua definição “patriarcal” encaixa perfeitamente na cena de rock:

⁴ Sister Rosetta Tharpe (1915 - 1973) é considerada a “mãe do rock”. A cantora e guitarrista estadunidense, uma mulher negra - e supostamente lésbica -, é vista por muitos como a principal precursora do gênero. A artista teve o auge da sua carreira nos anos 1940 e sua música “Strange Things Happening Every Day”, de 1944, é considerada a primeira gravação de rock n' roll da história.

Os espaços das cidades alimentam ideias de supremacia masculina (e racial) por meio de símbolos e de ocultamento da presença feminina. O apelo fálico das cidades – e precisamos aqui entender o fálico como a metáfora do poder masculino – é a reafirmação simbólica do poder que se estabeleceu como supremacia masculina quando da estruturação social dada pela ideologia de gênero e as tecnologias mantenedoras dessa ideia. Essa mesma lógica pautou o espaço doméstico como lugar natural do gênero feminino, que foi confinado no status social de objeto de uso e posse por e para o gênero masculino. (Berth, 2023, p. 128-129).

A análise de Berth na descrição da construção dos espaços urbanos revela como a conceituação de instituições, práticas, ideias, valores e criações sociais é agregada dentro da lógica patriarcal. Seguindo o seu pensamento, os atores envolvidos movimentam o social⁵ (Latour, 2012) em rota à dominação masculina; dessa forma, manifestações artísticas e de entretenimento, como o rock n’ roll, são apropriadas pelo patriarcado⁶. Assim como as cidades não são feitas para mulheres, no rock não é diferente; existem barreiras simbólicas moldadas continuamente que excluem as mulheres da cena, seja da produção criativa, dos palcos, das práticas e dos espaços da cena.

A marginalização feminina no rock

Diante da discussão de Gomes e Fernandes (2021), as mulheres estão à margem dos “códigos canônicos e papéis sociais em vigor” (p. 34), no contexto da cena roqueira. Isso porque, se seguimos os rastros (Latour, 2012) do sexismo do rock, percebe-se que elas são objetificadas e colocadas em um papel de submissão e invisibilidade. Se analisarmos o número de músicos de rock de sucesso em comparação com o de mulheres, o número é exponencialmente maior. Temos algumas “Medusas” (Gomes; Fernandes, 2021, p. 25) da cena, como Rita Lee no Brasil e Joan Jett nos Estados Unidos, que conseguiram sucesso, mas enfrentaram forte oposição, ataques e questionamentos ao longo de suas carreiras por desafiarem os papéis de fragilidade impostos às mulheres - afinal, como Berth aponta, a oposição da força é a fraqueza, logo, se a força e a violência foi linkada à masculinidade, a fragilidade e a delicadeza foram remetidas à feminilidade.

⁵ À luz da teoria Ator-Rede, entende-se o social como fluído, instável, dinâmico; como uma consequência, jamais como causa das associações entre os atores envolvidos na controvérsia (Lemos, 2013). Nesse sentido, a dominação masculina é um efeito das redes sociotécnicas.

⁶ Também visto como uma consequência das associações, de acordo com a concepção latouriana.

Assim como Berth indica que os espaços da cidade não são seguros para as mulheres, os espaços do rock tampouco são. Além da intimidação promovida pelos homens da cena, as mulheres enfrentam recorrentes preconceitos, ridicularizações e vários tipos de assédio e violências nas casas de show e bares de rock. Um exemplo ocorreu recentemente no Garage, icônica casa de rock da cidade do Rio de Janeiro, onde dois casos preocupantes aconteceram em intervalos pequenos⁷. Os assediadores se utilizaram do falo para expressar o seu poder - Berth relê esse conceito como uma metáfora da supremacia masculina no patriarcado - ameaçando, importunando e colocando as frequentadoras do bar em risco. Casos assim são comuns nos espaços físicos, mas também sensíveis à cena do rock como um todo.

De acordo com a autora, a objetificação das mulheres no rock está intrinsecamente relacionada ao status social que as aprisiona e as “coisifica”, relegando-as a um papel de uso e posse pelo gênero masculino. Além dos assédios e importunações sexuais nos ambientes da cena, é frequente que mulheres sejam relegadas como objetos pelos músicos e produtores de rock, em suas letras, videocliques, shows e mesmo estilo de vida sexistas. A objetificação da mulher, sobretudo nos anos 1970 e 1980, era um dos principais pontos lucrativos das bandas de rock de sucesso na época, sobretudo as bandas de hard rock e heavy metal. Modelos esbanjando uma sensualidade sexualizada⁸, muitas vezes incômoda para outras mulheres, mas agradáveis aos fãs homens, eram figuras frequentes em show e cliques⁹ e faziam parte do imaginário do *mainstream* roqueiro.

Neste contexto, também é válido destacar a figura das groupies, mulheres fãs do estilo musical, conhecidas por viver à sombra de astros do rock, em uma relação baseada em sexo e dominação¹⁰. Importante destacar que a objetificação das groupies, algumas vezes, envolvia meninas menores de idade. As chamadas “*baby groupies*” eram adolescentes que se relacionavam com músicos famosos em idade adulta. Um dos casos mais emblemáticos é o do guitarrista da banda inglesa *Led Zeppelin*, Jimmy Page, que se

⁷ Casos de assédio e importunação sexual em bar de rock no Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DCKSyu-BElo/?img_index=1. Acesso em 28 de mai. 2025.

⁸ Aqui, proponho confrontar termos aparentemente semelhantes, mas conceitualmente dispares. Enquanto a sensualidade seria uma expressão autônoma e legítima do corpo e do desejo feminino, a sexualização seria uma manifestação do patriarcado que transforma a primeira em um objeto de consumo, de controle e de satisfação masculina. A sensualidade sexualizada seria, portanto, a apropriação patriarcal da sensualidade feminina.

⁹ Um exemplo é esta música de uma das mais bem-sucedidas bandas de rock da história, o *AC/DC*, que conta com um clipe e letra fortemente objetificadores: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWCINQn6k0s>. Acesso em 28 de mai. 2025.

¹⁰ Larsen (2017) argumenta que a identidade das groupies é construída de forma a marginalizar e excluir as mulheres da produção criativa no rock n’ roll. Ela afirma que o termo foi consolidado na mídia a fim de reduzir a figura feminina no rock à objetos sexuais subservientes aos *rock stars* masculinos.

relacionou com uma adolescente de 14 anos quando ele tinha 28 anos. Mas ele está longe de ser o único rockstar envolto em condutas controversas com menores¹¹.

O significado oculto da estética grandiosa do rock' n roll

Dentro do mainstream do rock, o patriarcado se mostra imbuído mesmo em manifestações “menos” ofensivas e objetificadoras das bandas de rock (em sua grande maioria, 100% masculinas). Os shows grandiosos, muitos em arenas e estádios, com extensas e complexas estruturas - adotando grandes sistemas de som (amplificadores, etc), chamativos jogos de iluminação e até pirotecnia - são manifestações implícitas do poder da masculinidade. Para entender o significado oculto desses vastos espetáculos, é realizado um paralelo com as construções urbanas grandiosas analisadas por Berth.

A autora defende que os enormes edifícios, arranha-céus, grandes e largas avenidas, obeliscos, estátuas e demais monumentos grandes e altos são “marcadores do cerceamento, de reafirmação do pátrio poder e da masculinidade” (p. 164). O seu argumento se apoia na imposição do falo como um símbolo da supremacia masculina, na qual construções altíssimas, imponentes e intimidadoras remetem ao órgão sexual masculino ereto, que por sua vez, é uma metáfora do poder dos homens brancos. As grandes estruturas de shows seriam, portanto, como essas construções urbanas: manifestações de um inconsciente falocêntrico¹². Assim como arranha-céus e edifícios pontiagudos, os palcos altos e tomados de estruturas, equipamentos e adornos chamativos visualmente, remetem ao que Berth sinaliza como uma imposição simbólica da metáfora contida no falo como uma onipresença masculina e ao poder socioeconômico manifestado pelas palavras expressas em formas arquitetadas (p. 170).

Os shows da banda Kiss podem ser usados como um perfeito exemplo desta ideia. Na figura 1, pode-se observar a estrutura do palco, com fogos de artifício, fumaça, pirotecnia, intensa iluminação, e é claro, o palco elevado, que verticaliza cada um dos membros da banda no topo, interpretado como o lócus do dominador - em um paralelo

¹¹ Lista com 10 rockstars envolvidos em casos de abuso sexual contra menores de idade: <https://igormiranda.com.br/2018/05/10-rockstars-abuso-sexual-relacoes-menores-ma-conduta/>. Acesso em 30 de mai. 2025.

¹² Berth (2023) resume este conceito, oferecido por Derrida, como “a articulação entre a prática falocêntrica e logocêntrica aliadas e atuantes simultaneamente.” (p. 159). É a junção do “falo”, como símbolo da dominação patriarcal com o “logos”, que remete à primazia de uma palavra como sentido legítimo em detrimento de outra, silenciando o diálogo. Dessa forma, a associação do falo ao logos implica na centralidade do sujeito masculino como portador da linguagem (razão), culminando na supremacia masculina.

com o topo dos edifícios, local do poder organizador (p. 165). No caso do Kiss, é importante destacar que a estrutura dos palcos é fortalecida pelas vestimentas, maquiagens, adereços e adornos usados pelos músicos (figura 2).

As roupas prateadas cintilantes com partes que remetem à armaduras (aqui, pode-se relacionar à força e à violência da masculinidade), as botas com solas e saltos enormes e grossos (aludindo ao “falo” e elevando ainda mais os artistas ao “topo” - no sentido literal e figurado), além do fogo cuspidor e do sangue falso constantemente utilizado por Gene Simmons, juntamente com o famoso movimento que faz com a sua língua¹³ (estas ações performáticas podem ser associadas não apenas à violência da macho, mas também à própria violência de gênero - afinal, é um homem cuspidor fogo ou banhado em sangue falso enquanto move a sua língua de forma ameaçadora, sendo aplaudido pelo público, em uma metáfora à impunidade e ao silêncio da sociedade frente aos estupradores e feminicidas) codificam a expressão supremacista do patriarcado. O uso de saltos, e principalmente, das características maquiagens nos rostos, em um primeiro momento, podem parecer um aceno à desconstrução de códigos de gêneros; porém, ao seguir os rastros estéticos e comportamentais da banda, observa-se que o figurino extravagante usado por homens cis brancos heteronormativos esconde a verdadeira face do patriarcado: a de uma dominação sufocante que tenta enganar através de aspectos supremacistas mascarados como “arte” e “transgressão”.

¹³ O baixista, vocalista e líder da banda tem esses atos como marcas registradas em suas performances no palco, como pode ser observado neste vídeo. Disponível em: <https://www.facebook.com/ben.escobedo01/videos/gene-simmons-of-kiss-spitting-blood-breathing-fire-in-1976-kiss-genesimmons-follo/2116650255437593/>. Acesso em: 30 de mai. 2025.

Figura 1 - Concerto ao vivo da banda estadunidense Kiss



Disponível em: <https://www.ajc.com/blog/music/concert-review-and-photos-kiss-says-goodbye-atlanta-with-gloriously-garish-rock-circus/cjGoVGGAS6Gm3wFqZMerKM/>. Acesso em 30 de mai. 2025.

Figura 2 – Músicos do Kiss portando seus conhecidos figurinos e maquiagens



Disponível em: <https://www.ajc.com/blog/music/concert-review-and-photos-kiss-says-goodbye-atlanta-with-gloriously-garish-rock-circus/cjGoVGGAS6Gm3wFqZMerKM/>. Acesso em 30 de mai. 2025.

A guitarra como símbolo falocêntrico

Por fim, a presente análise aborda o símbolo máximo do rock n'roll: a guitarra. O falocentrismo se apropriou do instrumento mais marcante do estilo musical e atrelou a ele os códigos e discursos da dominação masculina. Berth defende que, no âmbito urbano, o carro se tornou expressão da masculinidade supremacista; lançando uma analogia, pode-se considerar que a guitarra absorveu esse sentido, dentro do rock. Se os homens conseguiram distorcer a função utilitária do carro para ele se tornar “uma extensão do eu masculino” (p. 145), o mesmo se aplica à guitarra. Ela deixou de ser uma mera reprodutora de sons e melodias para se tornar uma metáfora da masculinidade, através de seu som pesado e distorcido, seus designs brutos e falocêntricos e a atitude e postura desleixada e violenta adotada pelos músicos enquanto as tocam.

Não é à toa que pouquíssimas mulheres figuram entre as principais guitarristas da história em ocasionais listas produzidas por revistas especializadas em música e no instrumento - mesmo com Tharpe, uma guitarrista, sendo a responsável pela criação do rock. De acordo com os dois textos discutidos neste artigo, pode-se concluir que não é por falta de talento que elas não estão lá, mas sim, pela falta de espaço diante de uma cultura hostil às mulheres guitarristas que as coloca à margem da linha abissal (Santos, 2007 *apud* Gomes; Fernandes, 2021) da cena de rock e de toda a produção musical e criativa dentro deste estilo.

Considerações finais: a potência feminina está aí

As guitarristas são marginalizadas, assim como as cantoras, baixistas, guitarristas, tecladistas, fãs, produtoras, roadies, compositoras, performers ou qualquer mulher, cis ou trans, envolvida na cena de rock. Mas isso não as paralisa, muito pelo contrário. Assim como Gomes e Fernandes evidenciaram como Medusa ressignificou a sua maldição para ter agência e liberdade, as mulheres roqueiras fazem o mesmo. Elas se mobilizam, criam sua arte, performam, compõem, usam o rock para dar voz aos seus anseios, desejos, lutas e conquistas. Não é preciso ir muito longe: basta analisar a cena de rock brasileira e ver

mulheres reivindicando seus espaços: bandas como Crypta¹⁴, The Monic¹⁵ e Eskrota¹⁶ criando letras e realizando performances feministas e antifascistas; Punho de Mahin¹⁷, com mulheres negras juntando o ativismo¹⁸ feminista com o negro; Bioma¹⁹ e Clandestinas²⁰ representando a luta pelos direitos das mulheres LGBTQIA+. Esses são apenas alguns exemplos de iniciativas criativas dissensuais (Rancière, 1996) diante de uma potência feminina roqueira que cresce cada vez mais no Brasil e no mundo, e que desafia o status quo falocêntrico do rock.

Nos termos ranciereanos, essas mulheres rompem com a lógica consensual da cena do rock ao colocarem em prática ações que promovem a sua “subjetivação política” (p. 48); em outras palavras, elas estão ativa e coletivamente se mobilizando através de suas artes para que as suas vozes e palavras finalmente sejam ouvidas e reconhecidas no meio. Juntas, elas posicionam a questão de gênero no rock – e demais pautas identitárias – sob os holofotes, seguindo os passos das Medusas que iniciaram esse movimento; e inspirando novas gerações de mulheres no rock n’ roll. Percebe-se, portanto, que as portas do *mainstream* e do *underground* roqueiro estão cada vez mais abertas para as mulheres; e são elas mesmas que estão abrindo.

Referências

ACDCVEVO. **AC/DC - You Shook Me All Night Long (Official HD Video [Who Made Who])**. YouTube, 9 nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWCINQn6k0s>. Acesso em: 28 de mai. 2025.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

ESCOBEDO, Ben. **Gene Simmons Of KISS Spitting Blood & Breathing Fire In 1976**. Facebook: Ben Escobedo. Disponível em: <https://www.facebook.com/ben.escobedo01/videos/gene-simmons-of-kiss-spitting-blood-breathing-firein-1976-kiss-genesimmons-follo/2116650255437593/>. Acesso em: 30 de mai. 2025.

¹⁴ Banda de *death metal* brasileira com projeção nas cenas roqueiras nacional e internacional. Suas integrantes são abertamente atuantes na luta pela representatividade feminina dentro do rock e do metal.

¹⁵ Banda feminista cada vez mais conhecida no *mainstream* roqueiro.

¹⁶ Banda que se intitula a sua música como *crossover thrash* feminista e antifascista.

¹⁷ Banda cuja proposta é resgatar a memória afro-brasileira através de letras antirracistas e feministas.

¹⁸ Fernandes, et al., (2022, p. 15) afirmam que não existe uma conceituação fechada do “ativismo”, mas ressaltam que as manifestações ativistas integram arte e política como um modo de responder à polarização e à precarização da vida social que, por sua vez, são estimuladas e mantidas pelos poderes institucionais e pelas dinâmicas dominantes.

¹⁹ Banda de *queercore*, formada por mulheres lésbicas.

²⁰ Banda de mulheres lésbicas cis e trans que mistura rock, eletrônico e MPB em letras que questionam padrões de gênero e sexualidade.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael; ROCHA, Rose de Melo; PEREIRA, Simone Luci. **Artivismos Urbanos**: (sobre)vivendo em tempos de urgências. 1. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2022.

GLORIA, Gomes Patricia; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Marginalidade e potência dos femininos: a força do imaginário em Medusa. In: FERNANDES, Cíntia et al. **Arte, comunicação e (trans)política**: as potências dos femininos nas cidades / Organizadores Cíntia Sanmartin Fernandes, Jess Reia, Patricia Gomes – Belo Horizonte, 5 MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/arte-comunicacao-e-transpolitica/>

GRINDHOUSE, Garage; FIGUEIREDO, Jacqueline; PRODUÇÕES, Zimbábue. **Nota de Repúdio**. Instagram: @garagegrindhouserj, @jacqueline.bucho.discos e @zimbabueprods. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DCKSyu-BElo/?img_index=1. Acesso em 28 de mai. 2025.

LARSEN, G. 'It's a man's man's man's world': Music groupies and the othering of women in the world of rock. **Organization**, v. 24, n. 3, p. 397–417, 2017.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LEMONS, André. **A comunicação das coisas**: Teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

MIRANDA, Igor. 10 rockstars acusados de abuso sexual, relações com menores e má conduta. **Igor Miranda**, 2018. Disponível em: <https://igormiranda.com.br/2018/05/10-rockstars-abuso-sexual-relacoes-menores-ma-conduta>. Acesso em: 30 de mai. 2025.

O GLOBO. Quem foi Sister Rosetta Tharpe? Conheça dez curiosidades sobre a 'mãe do rock'. **O Globo**, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2023/07/13/quem-foi-sister-rosetta-tharpe-conheca-dez-curiosidades-sobre-a-mae-do-rock.ghtml>. Acesso em: 27 de mai. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

RUGGIERI, Melissa. Concert review and photos: Kiss says goodbye to Atlanta with gloriously garish rock circus. **The Atlanta Journal-Constitution**, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.ajc.com/blog/music/concert-review-and-photos-kiss-says-goodbye-atlanta-with-gloriously-garish-rock-circus/cjGoVGGAS6Gm3wFqZMerKM/>. Acesso em 30 de mai. 2025.